

IMPORTÂNCIA DA AUTOEFICÁCIA NO ENSINO SUPERIOR E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Anna Beatryz Vieira Gonçalves¹
Victoria Ramos Uchôa Correia²
Beatriz Meireles Waked de Holanda³
Andreia Dutra Escarião⁴
Adriana de Andrade Gaião e Barbosa⁵

RESUMO

Compreendermos a autoeficácia como o julgamento que o indivíduo faz das suas próprias habilidades para realizar ações com base no grau de desempenho que as mesmas demandam. O estudo busca na literatura uma compreensão mais ampla da importância e do impacto desta habilidade nos estudantes do Ensino Superior, bem como o papel das instituições em contribuir para uma melhor experiência e desenvolvimento da mesma. Os estudos selecionados para o desenvolvimento deste possibilitam a compreensão de questões como a influência positiva da maturidade do indivíduo sobre suas próprias capacidades; a relação direta entre a autoeficácia e as estratégias de aprendizagem; a importância de suportes emocionais e sociais para o fortalecimento da autoeficácia. Abordando também dentro deste contexto, o papel das instituições em contribuir para o desenvolvimento da habilidade, oferecer suporte, bem como realizar ações de caráter interventivo e preventivo. Por fim, reforça-se a importância da execução dessas ações que visam não só o desenvolvimento da autoeficácia, mas o bem-estar do estudante e uma melhor experiência de aprendizagem, pontuando também a necessidade de ampliar os estudos sobre a temática.

Palavras-chave: Autoeficácia; Ensino Superior; Desempenho; Universitários.

INTRODUÇÃO

Faz-se necessário considerar uma série de elementos que são e estão mutuamente ligados ao falarmos do processo de ensino-aprendizagem. Torisu e Ferreira (2009) apontam para o fato dos aspectos cognitivos representarem a parte mais significativa nesse processo, mas que não podemos desconsiderar os aspectos afetivos como outro fator que se relaciona diretamente, bem como influencia de modo importante em todo o processo. Os autores mencionam ainda a importância de compreendermos o ser humano como um ser social, que convive em grupo, sobre influência dele, bem como influencia o seu meio.

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, abvgvieira@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, victoriasan@outlook.com;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, biawakedm@gmail.com;

⁴ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, aescario@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, adrianagaiao@uol.com.br.

Nesse sentido encontramos a Teoria Social Cognitiva, antes conhecida como Teoria da Aprendizagem Social, descrita por Bandura (1986), que nos traz base para uma percepção do sujeito como esse ser social, anteriormente citado. A teoria aponta o autodesenvolvimento e a mudança de comportamento humano sendo explicados com base na perspectiva de agência, perspectiva essa que pode ser compreendida como a capacidade de desenvolver meios de autorregulação que poderá indicar um caminho a seguir.

Azzi e Polydoro (2006) trazem uma compreensão do comportamento humano como a manifestação das interações entre o sujeito e o meio. Assim, na Teoria Social Cognitiva o comportamento do sujeito, os fatores pessoais e o ambiente tem uma relação de influência mútua, denominada de reciprocidade triádica.

Entre os pilares da Teoria Social Cognitiva está a noção de autoeficácia que, na perspectiva de Bandura (1986), diz respeito ao julgamento do indivíduo das suas próprias habilidades para realizar ações que exigem um determinado grau de desempenho. O autor ainda aponta que esses julgamentos têm papel de mediação entre as capacidades concretas do sujeito e o desempenho.

Observando a autoeficácia no contexto acadêmico, Azzi e Polydoro (2007) trazem o entendimento da mesma como a convicção do estudante sobre a realização das atividades, como alcançar seus objetivos com sucesso, assim sendo possível que graus mais elevados de autoeficácia diminuam a possibilidade de abandono.

Autores como Bardagi e Hutz (2012) afirmam que discentes de graduação que possuem crenças positivas de autoeficácia são capazes de comprometer-se de modo mais atuante com seu futuro profissional, através de condutas vocacionais exploratórias durante a graduação. Segundo os autores Bardagi et al. (2003) assim como Teixeira et al. (2012) proporcionam uma compreensão sobre essas condutas, como ações frequentes com objetivo de preparar o sujeito para as escolhas do seu futuro profissional.

Os autores anteriormente citados mencionam a presença de quatro momentos significativos na carreira do indivíduo, sendo o primeiro um momento envolvido em sentimentos de euforia, fruto da aprovação no Enem; o segundo é marcado por desapontamentos referentes tanto a instituição quanto com professores, além de apreensões com relação a escolha profissional.

Seguindo essa linha de pensamento, autores como Teixeira (2008) e Sparta et al. (2005) citam outros dois momentos, o primeiro caracterizado pelo desejo em realizar as atividades e

dar continuidade ao curso. O último momento, diante do aumento de atividades, se caracteriza pelo empenho maior que contribui nas decisões sobre a carreira assim como na autoeficácia vocacional, reforçando também as perspectivas relativas ao processo de entrada no mercado de trabalho.

Quando se refere à medida de autoeficácia de estudantes ao longo de sua formação Teixeira (2008) executou um estudo em português baseado em Bandura (1990), a Escala Multidimensional de Autoeficácia Percebida (MSPSE), confirmando que a escala é pertinente para verificar aquilo que se propõe. Também baseado na MSPSE, Polydoro e Guerreiro-Casanova (2010) construíram uma escala que objetiva avaliar os pontos de vista dos estudantes em sua capacidade diante das tarefas relativas ao seu processo formativo. Observando as singularidades e obrigações características dos diversos níveis educacionais para o ensino superior, foi proposto pelas autoras o termo 'autoeficácia no ensino superior'.

Diante desse contexto, o presente trabalho se propõe a compreender a importância e o impacto da autoeficácia na aprendizagem no Ensino Superior, assim como a importância do meio acadêmico no desenvolvimento desta habilidade. Pretendendo também impulsionar novos estudos na área, proporcionando novas perspectivas.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido utilizando o método de revisão integrativa de literatura, que objetiva a sintetização dos resultados obtidos de maneira sistemática, ordenada e abrangente, fornecendo informações mais amplas acerca do tema ou da questão levantada (Mendes, Silveira e Galvão, 2008).

Para a construção deste artigo se fez uma busca por trabalhos publicados em português, a partir do ano de 2017, nos indexadores Scielo, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, tendo como descritores: Autoeficácia, Aprendizagem e Ensino Superior. Dos 25 artigos encontrados sobre o tema proposto, após aplicar os critérios de exclusão, quatro foram selecionados por contemplarem de forma mais precisa os objetivos apontados nesta revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra deste trabalho conta com quatro textos publicados nos anos de 2018, 2019 e 2020, dispostos sistematicamente na tabela abaixo a fim de expor melhor as informações acerca de cada um. Para fins de melhor entendimento proposto pelo presente estudo, segue o Quadro 1, no qual é descrito a síntese dos estudos realizados e constituintes desse trabalho e logo em seguida uma discussão sobre os principais resultados.

Quadro 1 - Síntese dos estudos que fizeram parte da revisão

Título	Autor (es)	Ano de Publicação	Objetivos
Crenças de autoeficácia, estratégias de aprendizagem e o sucesso acadêmico	CASIRAGHI, B.; BORUCHOVITCH, E.; ALMEIDA, L. S.	2020	Discorrer sobre a relevância dessas duas variáveis para o empoderamento do aluno universitário em prol do seu sucesso acadêmico.
Autoeficácia formativa e envolvimento nos processos de aprendizagem de estudantes portugueses maiores de 23 anos	BARROS, R.; MONTEIRO, A.; SOUSA, C.	2019	Retratar a autopercepção dos estudantes M23 acerca da sua autoeficácia formativa e o seu envolvimento nos processos de aprendizagem, assim como por explorar a relação entre estas autopercepções, suas dimensões e idade de ingresso no Ensino Superior.
Fontes de autoeficácia em estudantes do ensino superior	TEIXEIRA, M. O.; COSTA, C. J.	2018	Identificar fatores explicativos da autoeficácia geral dos estudantes do ensino superior, que podem ser inspiradores para conceber e implementar intervenções.
Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica	SANTOS, A. A. A. dos; ZANON, C.; ILHA, V. D.	2019	Avaliar o possível papel preditivo da autoeficácia, no contexto acadêmico, em relação à satisfação com a experiência acadêmica. Ademais, buscam-se avaliar, exploratoriamente, possíveis diferenças entre universitários do sexo masculino e do feminino e, também, entre alunos de diferentes cursos, na percepção da autoeficácia e satisfação.

Fonte: Elaboração própria.

Após a leitura dos artigos dispostos acima podemos perceber que os autores concordam com a importância do desenvolvimento de crenças de autoeficácia para garantir o sucesso acadêmico. Em suas pesquisas, avaliaram os fatores que influenciam no desenvolvimento dessas crenças.

O estudo desenvolvido por Barros, Monteiro e Sousa (2019) contou com a participação de 55 estudantes que ingressaram no Ensino Superior por meio do regime de acesso aos indivíduos maiores de 23 (M23). A análise das respostas levantadas revelou um envolvimento acadêmico elevado por parte desses ingressantes. Afunilando ainda mais os resultados obtidos, os pesquisadores encontraram uma variação na pontuação dos questionários, fazendo-os dividir a amostra em dois grupos - os indivíduos com menos de 26 anos e os maiores de 26.

Fazendo essa separação, Barros, Monteiro e Sousa (2019) confirmaram que a pontuação total de envolvimento era maior no grupo dos ingressantes com mais de 26 anos. O fator maturidade, que foi observado nesse grupo, influencia positivamente nas crenças de autoeficácia do indivíduo, colaborando para uma compreensão mais clara sobre si e as próprias capacidades, direcionando o indivíduo para uma escolha mais assertiva de estratégias que serão eficazes para o seu aprendizado, assim como no estabelecimento de metas mais condizentes com sua realidade.

A maturidade pressupõe a capacidade de autoconhecimento, fator importante para os estudantes poderem escolher, de maneira mais assertiva, as estratégias que se adequam melhor ao seu modo de aprender (CASIRAGHI, BORUCHOVITCH e ALMEIDA, 2020). De acordo com Casiraghi, Boruchovitch e Almeida (2020), os estudantes podem conhecer diversas estratégias que irão auxiliar no processo de aprendizagem, mas não adianta conhecerem e saberem usar esses meios sem antes conhecerem suas capacidades e possibilidades de aprendizagem.

Ainda atrelado a autoeficácia e as estratégias de aprendizagem, segundo Casiraghi, Boruchovitch e Almeida (2020), é necessário que os estudantes tenham certo domínio dos conhecimentos específicos e de como executar as tarefas propostas, tornando-se imprescindível para o sucesso acadêmico dos estudantes o envolvimento dos docentes e da utilização de práticas pedagógicas que auxiliem positivamente no processo de aprendizagem.

Coincidindo com a ideia de maturidade trazida por Barros, Monteiro e Sousa (2019) e com os fatores de experiência, conhecimentos prévios e envolvimento com os outros, abordado por Casighari, Boruchovitch e Almeida (2020), a pesquisa realizada por Teixeira e Costa (2018) constata a importância da presença de suportes sociais e emocionais para o fortalecimento da

autoeficácia, gerando motivação para desempenhar as tarefas estabelecidas (TEIXEIRA e COSTA, 2018).

Como demonstrou o estudo desenvolvido por Teixeira e Costa (2018), os sentimentos de bem-estar, satisfação e estabilidade emocional tem relação com a autoeficácia. Esses fatores são algumas das variáveis que explicam a Autoeficácia Geral, assim como: abertura à experiência, média de acesso ao ensino superior, gênero e idade (TEIXEIRA e COSTA, 2018). A abertura a experiência, que seria a vontade de ter novas experiências, tem sua relação com a autoeficácia confirmada, de acordo com os autores, pelos dados que demonstram esta predisposição pessoal como facilitadora de comportamentos adaptativos (TEIXEIRA e COSTA, 2018). Ainda de acordo com Teixeira e Costa (2018), se confirma a influência das emoções positivas na motivação e envolvimento nos próprios contextos, assim como o papel atribuído ao otimismo nos domínios intrapessoais e interpessoais.

Na pesquisa feita por Santos, Zanon e Ilha (2019), a atenção se volta para a autoeficácia com a interação social. Os autores não desconsideram a importância das outras variáveis da autoeficácia que já foram trazidas anteriormente nos estudos acima mencionados. Entretanto, segundo estes autores a autoeficácia social é preditiva para a satisfação acadêmica (SANTOS, ZANON e ILHA, 2019).

Os resultados do trabalho desenvolvido por Santos, Zanon e Ilha (2019) indicaram que os alunos mais auto eficazes socialmente tendem a se mostrar mais satisfeitos com o curso que escolheram, essa satisfação depende, em grande parte, da capacidade de interação social do aluno (SANTOS, ZANON e ILHA, 2019).

O estudo de Barros, Monteiro e Sousa (2019) nos traz um olhar sobre a influência que a maturidade do indivíduo exerce sobre a crença nas suas capacidades, mas também proporciona uma discussão diante da importância e do papel das Instituições de Ensino Superior em possibilitar aos discentes um cenário favorável a experiências que proporcionem a eles envolvimento e adaptação ao ambiente acadêmico. Nesse sentido, é apontado o estudo de Silva e Nascimento (2012) que, entre tantos fatores discutidos no mesmo, podemos destacar a importância da relação discente e docente, viabilizando um acompanhamento constante e próximo, assim como incentivar um entendimento benéfico entre a academia e outros âmbitos da sua vida pessoal e profissional.

Ao discutirmos sobre a importância da relação discente e docente retornamos ao estudo realizado por Polydoro e Guerreiro-Casanova (2010) onde relatam em seu estudo que discentes que revelam experiências insatisfatórias na academia apresentam baixos níveis de autoeficácia nas relações sociais com outros discentes e com docentes. O que corrobora com os resultados expostos no trabalho realizado por Santos, Zanon e Ilha (2019), que aponta a satisfação com a experiência acadêmica relacionada de forma relevante com a autoeficácia, apontando a autoeficácia nas relações sociais como um dos pontos mais expressivos para essa satisfação.

O âmbito das relações sociais também aparece no estudo de Teixeira e Costa (2018) que busca identificar fatores explicativos da autoeficácia geral dos universitários, estando interligado a outras áreas como a acadêmica, a emocional e a vocacional. Nesse estudo surge também a discussão sobre a importância de intervenções, serviços de apoio aos estudantes que contribuam para um bom desenvolvimento em áreas como a regulação emocional e o bem-estar, assim como a organização de estratégias pedagógicas que possibilitem também a estabilidade emocional, assim como o sucesso acadêmico.

Ao falarmos sobre estratégias pedagógicas, o estudo de Casighari, Boruchovitch e Almeida (2020) nos traz as estratégias de aprendizagem estando diretamente relacionadas na promoção da autonomia do estudante que reflete diretamente no seu sucesso na vida acadêmica. Apontando desta forma para a questão onde o estudante desenvolve a habilidade de reconhecer suas capacidades, assim como o tipo de aprendizagem e estratégia que cada momento e atividade necessitam para serem desempenhadas.

Destarte, os comportamentos autoeficazes muito contribuem com o engajamento, a satisfação e o rendimento acadêmico, bem como a permanência do estudante na universidade. Buscando parcerias entre os pares constituintes do processo educativo e formativo, na tentativa de minimizar os problemas decorrentes da aprendizagem e de todo o universo acadêmico enfrentado pelos jovens estudantes que são acometidos desde o seu ingresso a universidade. Notadamente, os estudantes passam por mudanças significativas e às vezes danosas no período de sua formação, e quando bem encaminhados e possuidores de ferramentas que possibilitam trabalhar e engajar-se melhor nas novas atribuições advindas com os seus estudos, são passíveis de menores sofrimentos ao longo de sua permanência na universidade.

Estes estudos são essenciais e necessários para que possamos discutir, conhecer e pensar em estratégias que facilitem a permanência dos estudantes no curso de sua escolha, evitando desta forma, evasão, comprometimentos afetivos e outros tipos de danos que o impossibilitem desempenhar suas funções no processo formativo. Que novos estudos possam contribuir e favorecer uma discussão mais ampla e que haja o engajamento de toda a comunidade acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos traz um olhar sobre a importância de que os discentes desenvolvam a crença da autoeficácia, proporcionando neste cenário maior envolvimento com as atividades acadêmicas, autoconhecimento, assim como a satisfação com a experiência e o rendimento acadêmico, observando também considerações como as feitas por Schunk e Pajares(2004) onde apontam que parte do dito fracasso acadêmico está relacionado com as crenças incorretas quanto a sua própria capacidade para aprender. Desse modo é possível afirmar, bem como compreender melhor a importância da autoeficácia e o seu impacto no Ensino Superior.

Outro ponto que devemos refletir, além da atuação docente nesse processo, é sobre o papel das instituições de ensino como colaboradoras, por meio de ações que auxiliem no desenvolvimento dessa habilidade. Para além de ações interventivas, é necessário que as instituições também realizem ações preventivas nesse contexto, proporcionando ao estudante uma melhor experiência na aprendizagem, um ambiente propício ao envolvimento nas atividades acadêmicas, bem como a satisfação com os seus resultados.

Por fim, enfatizamos a importância de ampliar os estudos na área, assim como o desenvolvimento de ações e a execução de mais projetos que proporcionem estímulos no ambiente acadêmico e se constituam em espaços adequados para a melhor experiência da aprendizagem no Ensino Superior com ênfase em ações de atenção ao bem-estar dos estudantes.

De toda maneira, buscar entender a dimensão dos problemas advindos com o ingresso dos jovens estudantes a universidade, é acima de tudo, compreender as dimensões constituintes deste processo. É estar ciente que tudo o que circunda os processos de ensino e aprendizagem e tendo o estudante como pártcipe principal dessa ação, buscando junto a comunidade acadêmica, pensar em estratégias e programas de promoção e prevenção a saúde. É convidar toda a comunidade a participar e se fazer responsável na formação do estudante, trazendo para si e para todos, o desejo de desempenhar todas as funções necessárias para uma educação formativa de qualidade e de bem-estar geral.

Com esse pensamento, torna-se indispensável que novos estudos sejam realizados e propiciem um conhecimento que fomente o interesse de toda uma comunidade acadêmica, e assim, que se possa contribuir com o incremento de novos achados científicos e pensar em meios que favoreçam e ampliem o poder de aprendizagem e satisfação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AZZI, R.G.; POLYDORO, S.A.J. Auto-Eficácia proposta por Albert Bandura. Em: Azzi, R.G. e Polydoro, S.. Auto-Eficácia em diferentes contextos. (pp. 09-23). São Paulo: Alínea Editora. 2006.
- AZZI, R. G.; POLYDORO, S. Auto-eficácia em diferentes contextos. Campinas, São Paulo: Alínea. Bandura, A. (1996). Social cognitive theory of human development. In T. Husen & T. N. Postlethwaite (Eds.), *International Encyclopedia of Education* (2nd ed., pp. 5513-5518). Oxford: Pergamin Press, 2007.
- BANDURA, A. *Social Foundations of Thought & Action – A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 1986.
- BANDURA, A. *Multidimensional scales of perceived academic efficacy* Stanford: Stanford University, 1990.
- BANDURA, A; AZZI, R.G.; POLYDORO, S.A. J. (Orgs.). Teoria social cognitiva, conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M. C. P.; PARADISO, A. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 4(1/2), 153-166, 2003.
- BARROS, R.; MONTEIRO, A.; SOUSA, C. Autoeficácia formativa e envolvimento nos processos de aprendizagem de estudantes portugueses maiores de 23 anos. **Revista Portuguesa de Educação**, 32(1), p. 140-154, 2019.
- CASIRAGHI, B.; BORUCHOVITCH, E.; ALMEIDA, L.S. Crenças de autoeficácia, estratégias de aprendizagem e o sucesso acadêmico no Ensino Superior. **Revista E-Psi**, 9(1), 27-38, 2020.
- MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 2008.
- POLYDORO, S. A. J.; GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Escala de autoeficácia na formação superior: construção e estudo de validação. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 267-278, 2010.
- SANTOS, A.A.A; ZANON, C.; ILHA, V.D. Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2019.
- SCHUNK, D. H.; PAJARES, F. Self-efficacy in education revisited: Empirical and applied evidence. In D. M. McInerney & S. V. Etten (Eds.), *Big theories revisited* (pp.99-115). Connecticut: Information Age Publishing, 2004.
- SILVA, R.; NASCIMENTO, I. Estudantes maiores de 23 anos em Psicologia: Motivações e processo de integração. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 13 (1), 37-47, 2012.
- SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; ANDRADE, A. M. J. Exploração vocacional e exploração profissional percebida em estudantes carentes. *Aletheia*, 22(1), 79-88, 2005.
- TEIXEIRA, M. O. A escala multidimensional de auto-eficácia percebida: um estudo exploratório numa amostra de estudantes de ensino superior. *RIDEP*, 25(1), 141-157, 2008.
- TEIXEIRA, M. A. P; CASTRO, A. K. S. S.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Integração acadêmica e integração social nas primeiras semanas na universidade: percepções de estudantes universitários. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 5(1), 69-85, 2012.
- TEIXEIRA, M.O.; COSTA, C.J. Fontes de autoeficácia em estudantes do ensino superior. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 19, n. 2, p. 143-155, 2018.
- TORISU, E.M.; FERREIRA, A.C. A teoria social cognitiva e o ensino-aprendizagem da matemática: considerações sobre as crenças de autoeficácia matemática. **Revista Ciência & Cognição**, v 14, p. 168-177, nov 2009.